A DIALÉTICA DA REALIDADE SOCIAL E O DESAFIO DO PLURALISMO NA TEORIA DE BERGER E LUCKMANN

THE DIALECTIC OF SOCIAL REALITY AND THE CHALLENGE OF PLURALISM IN THE THEORY OF BERGER AND LUCKMANN

Alana Taíse Castro Sartori[1]
Noli Bernardo Hahn[2]

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4
1 OS FUNDAMENTOS DO CONHECIMENTO NA VIDA COTIDIANA: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE PETER BERGER E THOMAS LUCKMAN (1996) 5
2. A SÍNTESE DIALÉTICA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE 8
3. OS DESAFIOS DO PLURALISMO NA TEORIA DE BERGER E LUCKMANN 12
CONSIDERAÇÕES FINAIS 17
REFERÊNCIAS 18

Resumo: Este trabalho possui como tema o desafio do pluralismo na dialética da realidade social, com base na obra dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann. A problematização da pesquisa é: quais os desafios da construção social da realidade diante do pluralismo contemporâneo? O objetivo central do estudo é, portanto, examinar os desafios dessa perspectiva diante do pluralismo das sociedades atuais, sob a proposta teórica de Berger e Luckmann. Para atingir o objetivo central do estudo, bem como a resposta a sua problemática inicial, utiliza-se o modo de raciocínio dedutivo, com abordagem analítico-interpretativa. fundamentada na análise e interpretação das obras selecionadas para a pesquisa. O procedimento, portanto, é bibliográfico. A partir do estudo compreende-se que o pluralismo oferece desafios para a manutenção do monopólio dos universos simbólicos sobre a organização da vida em sociedade.

Palavras-chave: Realidade social; dialética; Construção; Pluralismo.

Abstract: This paper addresses the challenge of pluralism in the dialectics of social reality, drawing on the work of sociologists Peter Berger and Thomas Luckmann. The research seeks to answer the following question: What are the challenges facing the social construction of

[1] Doutoranda e Mestre em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo/RS. Bolsista PROSUC/CAPES, Modalidade II (Taxas). Docente do curso de graduação de Direito da URI. Advogada. Membro do Grupo de Pesquisa CNPQ "Direito de Minorias, Movimentos Sociais e Políticas Públicas. E-mail: alanas@san.uri.br

[2] Pós-doutor pelas Faculdades EST. Doutor em Ciências Da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Docente permanente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Direito - Mestrado e Doutorado - da URI, Campus de Santo Ângelo. Membro do Grupo de Pesquisa CNPQ "Direito de Minorias, Movimentos Sociais e Políticas Públicas. E-mail: nolihahn@san.uri.br

reality in the context of contemporary pluralism? The main objective of this study is, therefore, to examine the challenges posed by this perspective in light of the pluralism characterizing contemporary societies, based on the theoretical framework proposed by Berger and Luckmann. To achieve this objective and address the initial research question, the study employs deductive reasoning and an analytical-interpretative approach, grounded in the analysis and interpretation of selected scholarly works. The research methodology is thus bibliographic. The study concludes that pluralism poses challenges to maintaining the monopoly of symbolic universes over the organization of social life.

Keywords: Social reality; Dialectics; Construction; Pluralism.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre a temática da construção simbólica da realidade, delimitando-se ao estudo da institucionalização, da legitimação e do pluralismo na obra *A Construção Social da Realidade*, de Peter Berger e Thomas Luckmann[3]. Os autores utilizam a sociologia do conhecimento para analisar como as interações humanas e os processos sociais transformam percepções individuais em uma realidade compartilhada e institucionalizada, propondo que a sociedade opera em uma funcionalidade dialética, sendo simultaneamente uma facticidade objetiva e um conjunto de significados subjetivos. Trata-se, portanto, de uma obra que integra dois paralelos do pensamento sociológico clássico: o de Émile Durkheim, que argumenta que a sociedade é uma realidade objetiva; e o de Max Weber, que propõe a sociedade como um complexo de significados subjetivos.

Nesse contexto, a problematização da pesquisa é: quais os desafios da construção social da realidade diante do pluralismo contemporâneo? O objetivo central do estudo é, portanto, examinar os desafios do pluralismo apresentados na proposta de Berger e Luckmann. Para atingir o objetivo central do estudo, bem como a resposta a sua problemática inicial, utiliza-se o modo de raciocínio dedutivo, com abordagem analítico-interpretativa, fundamentada na análise e interpretação das obras selecionadas para a pesquisa. O procedimento, portanto, é bibliográfico. No que se refere à organização do texto, este se subdivide em três momentos principais: o primeiro situa o pensamento sociológico de Peter Berger e Thomas Luckmann, em ênfase nos fundamentos do conhecimento na vida cotidiana; o segundo descreve como os autores abordam a realidade como realidade objetiva e subjetiva; e o terceiro e último momento da pesquisa demonstra quais são os desafios da perspectiva da sociedade como realidade objetiva e subjetiva diante do pluralismo contemporâneo.

[3] BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Construcción social de la realidad**. Traducció Silvia Zuleta. Editor digital: Titivillud. 1996.

1 OS FUNDAMENTOS DO CONHECIMENTO NA VIDA COTIDIANA: UMA BREVE INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE PETER BERGER E THOMAS LUCKMAN (1996)

Peter L. Berger nasceu em Viena (Áustria) em 17 de março de 1929, e faleceu em Brookline (Massachusetts) em 27 de junho de 2017. Foi teólogo luterano e sociólogo, tendo redigido diversas obras no campo da sociologia da religião, modernização e teoria social. Já Thomas Luckmann nasceu em Jesenice (Eslovênia) em 14 de outubro de 1927, onde faleceu em 10 de maio de 2016, tendo sido um reconhecido sociólogo esloveno. Ambos colaboraram na escrita da obra *A Construção Social da Realidade*, utilizada como base do presente estudo.

A tese central de *A Construção Social da Realidade* é como a realidade pode ser compreendida enquanto uma construção social e uma realidade objetiva - caráter dialético da realidade -, e de que a sociologia do conhecimento deve analisar os processos pelos quais isso se produz. Essa intencionalidade advém da tentativa teórica de sintetizar dois extremos da sociologia clássica: a percepção da objetividade da realidade em Émile Durkheim e a percepção da realidade como construção simbólica de significados de Max Weber[4].

Émile Durkheim[5] idealizou a realidade social como algo factual e objetivamente dado a fim de estabelecer as bases epistemológicas e metodológicas da sociologia enquanto uma ciência autônoma. Para o autor, o fato social deve ser analisado a partir da observação externa e empírica, descartando as pré-noções (pré-conceitos) ou interpretações subjetivas do observador. Nessa perspectiva, o fato social existe no mundo real com a mesma objetividade que um fenômeno físico ou biológico, ou seja, se *impõe* como realidade ao indivíduo, que, por sua vez, se encontra refém dessa imposição: "Os fatos sociais devem ser tratados como coisas porque são os *data* imediatos da ciência, enquanto as ideias, de que os fatos sociais são supostamente desenvolvimentos, não são diretamente dadas"[6]. Para o autor, portanto, a ocupação do sociólogo e o objeto central da sociologia seria a observação objetiva dos fatos sociais.

Max Weber[7], por sua vez, não rechaça a ideia de realidade como uma objetivação. Contudo, desloca a atenção do sociólogo e o objeto da sociologia para a compreensão da *ação*

---

[4] (Berger; Luckmann, 1996).
[5] DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. Revisão da tradução de Eduardo Brandão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
[6] (Durkheim, 2004, p. 8).
[7] WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão técnica de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

social, assim definida como a conduta humana na qual um indivíduo atribui sentido[8] subjetivo à sua própria ação, orientando-a pelo comportamento dos outros, o que caracteriza as bases para uma *sociologia compreensiva*:

> Toda interpretação, assim como toda ciência em geral, pretende alcançar "evidência". A evidência da compreensão pode ser de caráter [a] racional (e, neste caso, ou lógico ou matemático), ou [b] intuitivamente compreensivo (emocional, receptivo-artístico) No domínio da ação, é racionalmente evidente, antes de mais nada, o que se compreende intelectualmente, de modo cabal e transparente, em sua conexão de sentido visada. Intuitivamente evidente, no caso da ação, é o que se revive plenamente em sua conexão emocional experimentada. (...) muitas vezes não conseguimos compreender, com plena evidência, alguns dos "fins" últimos e "valores" pelos quais podem orientar-se, segundo a experiência, as ações de uma pessoa; eventualmente conseguimos apreendê-los intelectualmente mas, por outro lado, quanto mais divergem de nossos próprios valores últimos, tanto mais dificuldade encontramos em torná-los compreensíveis por uma revivência mediante a imaginação intuitiva[9].

É com o intuito de viabilizar a observação e compreensão dos sentidos da ação social pela sociologia que Weber cria uma ferramenta analítica para comparar, organizar e interpretar a realidade social: os *tipos de ideias*. Para o autor, a realidade social é estruturada a partir de Ideias de Ação Social (como, por exemplo, valores, emoções/afetos, tradições, etc...) e de Ideias de Dominação Legítima (a lei, a tradição, etc...)[10]. É importante destacar que um tipo ideal *puro* não é observado na realidade cotidiana, porque as ações humanas concretas costumam misturar motivações. A tipificação dos ideais atua apenas como uma espécie de régua conceitual para verificar o quanto a realidade se aproxima ou se afasta daquele modelo abstrato[11].

Pode-se compreender, que, apesar de suas diferentes percepções a respeito do objeto central da observação sociológica, ambos, Durkheim e Weber, objetivavam garantir instrumentos metodológicos para viabilizar o estudo cientifico a partir da observação da realidade social. É na intersecção entre seus pensamentos que se situa a obra de Peter Berger e Thomas Luckmann, oferecendo um panorama construtivista para a observação sociológica da realidade como fato social (Durkheim) *e* como produto da ação social (Weber). Neste sentido,

---

[8] "Sentido" é o sentido subjetivamente visado: a) na realidade α, num caso historicamente dado, por um agente, ou β, em média e aproximadamente, numa quantidade dada de casos, pelos agentes, ou b) num tipo puro conceitualmente, construído pelo agente ou pelos agentes concebidos como típicos. Não se trata, de modo algum, de um sentido objetivamente "correto" ou de um sentido "verdadeiro" obtido por indagação metafísica Nisso reside a diferença entre as ciências empíricas da ação, a Sociologia e a história, e todas as ciências dogmáticas, a Jurisprudência, a Lógica, a Ética e a Estética, que pretendem investigar em seus objetos o sentido "correto" e "válido" (Weber, 2015, p. 4).

[9] (Weber, 2015, p. 4).

[10] WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2015. v. 1.

[11] (Weber, 2015)

os autores dispõem: “Nuestras tesis fundamentales están implícitas en el título y subtítulo de este libro; ellas son: que la realidad se construye socialmente y que la sociología del conocimiento debe analizar los processos por los cuales esto se produce”[12].

Para os autores, existem múltiplas realidades, contudo, apenas uma se impõe como realidade por excelência: a realidade da vida cotidiana. É a partir dos hábitos cotidianos[13], da comunicação (linguagem[14]) e do convívio com o *Outro*[15] que se constrói a percepção de realidade. A síntese dialética entre Durkheim e Weber ocorre na medida em que os autores definem que a construção social da realidade ocorre na experiência do convívio com o *Outro* e os processos de objetivação da linguagem[16].

Sendo a realidade da vida cotidiana a realidade por excelência, Berger e Luckmann sustentam que a sociologia do conhecimento não deve se limitar às teorias elaboradas por intelectuais. Para os autores, a sociologia do conhecimento deve focar no conhecimento do senso comum cotidiano, pois é ele que orienta a conduta diária e fornece o alicerce de significados que sustenta a existência da própria sociedade. Nessa senda, a abordagem fenomenológica evidencia-se como metodologia para observação da vida cotidiana[17].

O cotidiano da existência humana, moldada por suas interações, é apresentado como um estado de vigília, no qual se assumem atitudes naturalizadas. É uma realidade que se impõe de forma massiva, como uma facticidade autoevidente da qual não se exigem verificações adicionais. Ela organiza o corpo do indivíduo na temporalidade do presente (no aqui e agora), dominada pelo pragmatismo, pelo interesse da pessoa no que se faz ou pretende fazer[18]. Ainda, é uma realidade construída de modo intersubjetivo, isto é, em partilha com o

---

[12] (Berger; Luckmann, 1996, p. 9).
[13] “nuestro propósito en esta obra es un análisis sociológico de la realidad de la vida cotidiana, más exactamente, del conocimiento que orienta la conducta en la vida cotidiana (Berger; Luckmann, 1996, p. 28).
[14] “el lenguaje marca las coordenadas de mi vida en la sociedad y llena esa vida de objetos Significativos” (Berger; Luckmann, 1996, p. 31).
[15] “La realidad de la vida cotidiana es algo que comparto con otros”. (Berger; Luckmann, 1996, p. 38).
[16] “¿Cómo es posible que los significados subjetivos se vuelvan facticidades objetivas? O, en términos apropiados a las posiciones teóricas aludidas: ¿Cómo es posible que la actividad humana (Handeln) produzca un mundo de cosas (choses)? O sea, la apreciación adecuada de la “realidad sui generis” de la sociedad requiere indagar la manera como esta realidad está construida. Sostenemos que esa indagación es la tarea de la sociología del conocimiento” (Berger; Luckmann, 1996, p. 30-31).
[17] (Berger; Luckmann, 1996).
[18] “La realidad de la vida cotidiana se organiza alrededor del “aquí” de mi cuerpo y el “ahora” de mi presente. Este “aquí” y “ahora” es el foco de la atención que presto a la realidad de la vida cotidiana. Lo que “aquí y ahora” se me presenta en la vida cotidiana es lo realissimum de mi conciencia. Sin embargo, la realidad de la vida cotidiana no se agota por estas presencias inmediatas, sino que abarca fenómenos que no están presentes “aquí y ahora”. Esto significa que yo experimento la vida cotidiana en grados diferentes de proximidad y alejamiento, tanto espacial como temporal. Lo más próximo a mí es la zona de vida cotidiana directamente accesible a mi manipulación corporal. Esa zona contiene el mundo que está a mi alcance, el mundo en el que actúo a fin de modificar su realidad, o el mundo en el que trabajo. En este mundo de actividad mi conciencia está dominada por

Outro. Isso porque os indivíduos sabem quais objetivações são aceitáveis para o *Outro* que lhe é semelhante, articulando assim uma teia de significados relacionamos pelas mesmas objetivações[19].

Nesse contexto, é importante ressaltar que os autores contribuem para uma mudança de perspectiva no pensamento ocidental do século XX, ao propor que o cotidiano das relações humanas e o próprio senso comum também são espaços de construção do conhecimento. Este, portanto, não pode ser concebido como uma construção exclusiva dos cientistas, uma vez que o conhecimento da vida cotidiana é socialmente construído e compartilhado. A realidade da vida cotidiana constitui, assim, uma importante produtora e reprodutora de sentidos e significados, os quais contribuem para sustentar a sociedade e suas instituições. A ciência, por sua vez, é uma forma de conhecimento socialmente produzida, mas não constitui a única forma de conhecimento capaz de organizar a realidade social.

A construção social da realidade, portanto, advém do acúmulo do conhecimento sobre a vida cotidiana, que perpassa por processos de objetivações e subjetivações a partir da linguagem. É neste aspecto que reside a síntese dialética da construção social da realidade, aliando os estudos de Émile Durkheim e Max Weber, como se verifica a seguir.

2. A SÍNTESE DIALÉTICA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

A tese dialética de Berger e Luckmann [20]reside na percepção de que a realidade se constrói socialmente, em processos linguísticos de objetivação e subjetivação. Assim, a observação sociológica não parte do pressuposto de que a realidade é um dado objetivo (fato social) *ou* um conglomerado de significações sob as ações humanas (ação social). Não se trata de discutir se a realidade é uma objetivação *ou* uma subjetivação. A observação da construção da realidade deve integrar ambas as perspectivas: ela é objetiva e subjetiva ao mesmo tempo.

Em primeiro momento, a realidade social se impõe como uma objetivação a partir das experiências de interação e com a criação do sentimento de *corpo social*. O encontro do *Eu* com o *Outro* gera um intercâmbio contínuo e pré-reflexivo de atos expressivos, de subjetividades[21]. É nesta interação que os indivíduos apreendem as condutas alheias por meio

---

el motivo pragmático, o sea que mi atención a este mundo está determinada principalmente por lo que hago, lo que ya he hecho o lo que pienso hacer en él. De esta manera, es mi mundo por excelência". (Berger; Luckmann, 1996, p. 36).

[19] (Berger; Luckmann, 1996).

[20] (Berger; Luckmann, 1996).

[21] "las instituciones implican historicidad y control. Las tipificaciones recíprocas de acciones se construyen en el curso de una historia compartida: no pueden crearse en un instante. Las instituciones siempre tienen una historia, de la cual son productos. Es imposible compreender adecuadamente qué es una institución, si no se comprende el

de esquemas tipificadores que, com a convivência reiterada, impõem-se aos indivíduos como papéis sociais (como pai, irmão, avô, chefe, subordinado, etc...)[22]. Nesse sentido, a realidade social se impõe objetivamente sobre o indivíduo, na medida em que o indivíduo não nasce membro da sociedade, mas é induzido a participar de sua dialética[23].

Isso se evidencia na socialização primária, quando a criança assimila o mundo social filtrado pelos seus outros significantes (como os pais), adotando seus papéis e atitudes. Ao internalizar esses papéis, a criança realiza uma abstração progressiva até constituir o *outro generalizado*, momento em que se identifica não apenas com indivíduos concretos, mas com a sociedade e sua realidade objetiva[24].

A realidade construída socialmente – a *ordem social* – se impõe como objetiva por meio de processos de institucionalização e legitimação. Não é possível pensar na institucionalização sem relacioná-la à linguagem[25]. A institucionalização inicia a partir da possibilidade de transmissão da memória inaugurada pela complexificação da linguagem, tornando possível a sedimentação do conhecimento[26]. Nesse sentido, originam-se os universos simbólicos, que funcionam como uma matriz para todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais. Sua função é organizar as experiências do indivíduo e da coletividade, garantindo que a vida cotidiana permaneça como a realidade por excelência[27].

Os universos simbólicos operam como legitimadores da realidade social. Eles dão significado aos papéis sociais e à própria ordenação da sociedade. Isso porque, dentro de um universo simbólico, as práticas reiteradas (os papéis sociais, os valores, a tradição) deixam de ser meras condutas pragmáticas e passam a ter uma significação compartilhada pela coletividade. Assim, o indivíduo não se entende mais como um corpo individualizado, mas

---

proceso histórico en que se produjo. Las instituciones, por el hecho mismo de existir, también controlan el comportamiento humano estableciendo pautas definidas de antemano que lo canalizan en una dirección determinada, em oposición a las muchas otras que podrían darse teoricamente" (Berger; Luckmann , p. 66).

[22] "Al desempeñar "roles" los individuos participan en un mundo social; al internalizar dichos "roles", ese mismo mundo cobra realidad para ellos subjetivamente" (Berger; Luckmann, 1996, p. 86).

[23] "Si bien es posible afirmar que el hombre posee una naturaleza, es más significativo decir que el hombre construye su propia naturaleza o, más sencillamente, que el hombre se produce a sí mismo" (Berger; Luckmann, 1996, p. 60).

[24] (Berger; Luckmann, 1996).

[25] "el conocimiento se halla en el corazón de la dialéctica fundamental de la sociedad: "programa" los canales en los que la externalización produce un mundo objetivo; objetiviza este mundo a través del lenguaje y del aparato cognoscitivo basado en el lenguaje, vale decir, lo ordena en objetos que han de aprehenderse como realidade" (Berger; Luckmann, 1996, p. 78).

[26] "La conciencia retiene solamente una pequeña parte de la totalidad de las experiencias humanas, parte que una vez retenida se sedimenta, vale decir, que esas experiencias quedan estereotipadas em el recuerdo como entidades reconocibles y memorables". (Berger; Luckmann, p. 79).

[27] (Berger; Luckmann, 1996).

como integrante de uma realidade maior (filosófica, teológica, política, etc...)[28]. É essa compreensão de integração que permite a permanência dos vínculos de colaboração entre as pessoas e a reprodução da organização social[29].

É neste contexto que reside a interface subjetiva da construção social da realidade. Ao mesmo tempo em que ela se impõe como um *fato* – como a única realidade possível, de forma absoluta, *a* realidade por excelência –, ela é internalizada pelo indivíduo em um constante processo de *internalização*. Para Berger e Luckmann, a realidade se impõe ao indivíduo primeiramente como uma objetividade, que é aprendida e se converte em realidade subjetiva internalizada na consciência da pessoa. Assim,

> la internalización en sentido general, constituye la base, primero, para la comprensión de los propios semejantes y, segundo, para la aprehensión del mundo en cuanto realidad significativa y social. (...). la forma compleja de la internalización, yo no solo "comprendo" los procesos subjetivos momentáneos del otro "comprendo" el mundo en que él vive, y ese mundo se vuelve mío.[30]

O indivíduo, portanto, só passa a integrar a realidade social e cooperar para seu aperfeiçoamento na medida em que *acredita* nesta mesma realidade, ou seja, a *internaliza*. Isso significa que o indivíduo *nasce* na sociedade, mas *se torna* membro dela. Isso se percebe a partir da socialização na infância. No nascimento, o indivíduo é lançado em um universo simbólico e, a partir do convívio com o *Outro*, passa a entender o complexo de significações e papéis desempenhados naquele universo (naquela cultura)[31]. Apenas após os processos de socialização primária e secundária esse mesmo indivíduo passa a internalizar aquela ordem social – aquele mundo –, como algo do qual pertence e algo pertencente a si: "la forma compleja de la internalización, yo no solo "comprendo" los procesos subjetivos momentáneos del otro "comprendo" el mundo en que él vive, y ese mundo se vuelve mío"[32].

A socialização primária envolve a mediação, realizada pelos pais, entre o indivíduo e o mundo (e a ordem social). A relação com os adultos, na infância, é a forma pela qual as crianças tomam conhecimento sobre o mundo, filtrando a realidade social, conforme sua cultura, sua localização na estrutura de classes e seu agir próprio. Nesse processo primário

---

[28] "La objetivización de la experiencia en el lenguaje (esto es, su transformación en un objeto de conocimiento accesible en general) permite entonces su incorporación a un cuerpo más vasto de tradición por vía de la instrucción moral, la poesía inspiradora, la alegoría religiosa, y otras cosas" (Berger; Luckmann, p.81).
[29] (Berger; Luckmann, 1996).
[30] (Berger; Luckmann; p.147)
[31] "Las definiciones que los otros significantes hacen de la situación del individuo le son presentadas a éste como realidad objetiva. De este modo, él nace no solo dentro de una estructura social objetiva, sino también dentro de un mundo social objetivo" (Berger; Luckmann; p.148).
[32] (Berger; Luckmann, 1996, p.147).

de socialização, a criança se identifica com os outros significantes (adultos), internaliza seus papéis e atitudes e, nesse mesmo movimento, adquire uma identidade[33]. Emerge, nesta senda, o que os autores denominam de *Outro Generalizado*[34], isto é, um processo que inicia com uma abstração progressiva de regras aplicadas por pessoas específicas até regras gerais que orientam a realidade social. A partir da generalização, a criança se identifica não apenas com indivíduos concretos, mas com a sociedade e sua realidade objetiva em geral[35].

Já a socialização secundária consiste na aquisição de conhecimentos específicos de papéis e submundos institucionais enraizados, principalmente, na divisão do trabalho[36]. Enquanto a socialização primária introduz a criança no mundo, a socialização secundária é responsável pela aquisição de conhecimentos específicos e especializados (Berger; Luckmann, 1996). Nesse contexto, percebe-se que a socialização é um processo constante, que perdura durante toda a vida do indivíduo.

Portanto, a síntese dialética da construção social da realidade pode ser compreendida, em Berger e Luckmann, a partir de uma tríade: externalização – objetivação – internalização. O ser humano, em um momento inicial se externaliza para o mundo, dotando-o de significados, instituindo os universos simbólicos, suas instituições e seus mecanismos de legitimação que se projetam no tempo e no espaço a partir da linguagem (externalização). Em um segundo momento, o universo simbólico criado pelo ser humano adquire uma existência própria, autônoma em relação ao seu criador, impondo-se como realidade objetiva por excelência (objetivação). E, por fim, em um terceiro momento, o mundo externalizado, a realidade objetiva projetada, é internalizada pelo indivíduo moldando a sua subjetividade (internalização)[37].

Contudo, é importante mencionar que essa tríade (externalização – objetivação – internalização) não é estática. Ela se orienta no tempo e no espaço, permitindo um processo

---

[33] "El niño se identifica con los otros significantes en una variedad de formas emocionales; pero sean éstas cuales fueren, la internalización se produce solo cuando se produce la identificación. El niño acepta los "roles" y actitudes de los otros significantes, o sea que los internaliza y se apropia de ellos. Y por esta identificación con los otros significantes el niño se vuelve capaz de identificarse él mismo, de adquirir una identidad subjetivamente coherente y plausible" (Berger; Luckmann, 1996, p.149).

[34] "La formación dentro de la conciencia, del otro generalizado señala uma fase decisiva en la socialización. Implica la internalización de la sociedade en cuanto tal y de la realidad objetiva em ella establecida, y, al mismo tiempo, el establecimiento subjetivo de una identidad coherente y continua. La sociedad, la identidad y la realidad se cristalizan subjetivamente en el mismo processo de internalización. Esta cristalización se corresponde con la internalización del linguaje" (Berger; Luckmann, 1996, p.150).

[35] (Berger; Luckmann, 1996).

[36] "La socialización secundaria es la internalización de "submundos" institucionales o basados sobre instituciones. Su alcance y su carácter se determinan, pues, por la complejidad de la división del trabajo y la distribución social concomitante del conocimiento". (Berger; Luckmann, 1996, p.155).

[37] (Berger; Luckmann, 1996).

contínuo de criação e recriação da realidade social, pois, ao mesmo tempo em que o ser humano é moldado pelo universo simbólico, ele também possui capacidade autorreflexiva que permite a sua ressignificação. A realidade se torna, portanto, um *processo* de construção social, um *devir* constante. Isso se evidencia a partir dos desafios do pluralismo na teorização de Berger e Luckmann, abordados a seguir.

3. OS DESAFIOS DO PLURALISMO NA TEORIA DE BERGER E LUCKMANN

Pensar na construção da realidade como um processo é perceber que a tríade proposta por Berger e Luckmann (externalização – objetivação – internalização) não permite apenas que o conhecimento e a estrutura da sociedade se repliquem sem quaisquer alterações a partir da sucessão de gerações humanas. Apesar de os autores descreverem como a ordem e a estabilidade se mantêm através da socialização primária e secundária do indivíduo, com enfoque no processo de reificação dos universos simbólicos, eles não rechaçam as contingências que causam alterações na própria estruturação dos universos simbólicos.

A reificação dos universos simbólicos ocorre na objetivação do conhecimento socialmente construído, na medida em que tais universos adquirem uma espécie de autonomia, e passam a ser compreendidos como uma ordem determinista – como uma *coisa*, uma realidade objetivada da qual não se pode escapar: "La reificación es la aprehensión de fenómenos humanos como si fueran cosas, vale decir, em términos no humanos, o posiblemente supra-humanos"[38].

Um exemplo de universo simbólico é a Teologia, a Filosofia e a própria Ciência. Eles são importantes porque integram os significados sociais e, a partir do simbolismo e da narrativa, legitimam as instituições e a própria estrutura da realidade social[39]. O Universo simbólico da Teologia, por exemplo, aufere sentido para a experiência de vida, de morte, e de sofrimento humano, isto é, dota de significação as experiências que mais fogem do controle da racionalidade humana, permitindo que os seres humanos continuem se orientando dentro da estrutura social mesmo diante de experiências caóticas e assustadoras. Por outro lado, A Teologia também pode ser compreendida como um universo simbólico que legitima instituições como a família, determinando papéis sociais para homens e mulheres, pais, mães e filhos/as.

A lei também integra um universo simbólico, o da Ciência. A lei (o Direito), oferece orientação para a vida em sociedade, classificando práticas proibidas e permitidas,

[38] (Berger; Luckmann, 1996, p. 102).
[39] (Berger; Luckmann, 1996).

práticas protegidas pela autoridade da instituição Estatal e práticas que permanecem às suas margens. Isso fica evidente ao se observar o Direito Penal, por exemplo, mas também pode se evidenciar a partir da ausência de legislações protetivas e do reconhecimento de fenômenos individuais e/ou coletivos que fogem das práticas cotidianas do Direito. É o exemplo da emergência de identidades não-heteronormativas (*trans-gênero*), que permanecem às margens do reconhecimento jurídico[40] em razão do universo simbólico significado a partir do binarismo de gênero (feminino/masculino)[41].

Nesse contexto, o desafio central da construção social da realidade revela-se na medida em que as condições da existência humana se transformam e os universos simbólicos oferecem resistência às mudanças. Por meio da reificação, os universos simbólicos são apreendidos como fatos naturais ou determinações absolutas, conferindo um caráter estático aos significados e valores institucionais. Contudo, à medida que os sujeitos vivenciam novas dinâmicas sociais, eles passam a questionar a rigidez desse complexo de significados. Na teoria de Berger e Luckmann[42], o fenômeno intensifica-se com a complexificação das sociedades modernas, nas quais a divisão do trabalho (especialização) e o pluralismo provocam a multiplicação de subuniversos de significado e a queda do monopólio das definições de realidade[43]. Assim,

> Importa recordar que la mayoría de las sociedades modernas son pluralistas, sentido éste que comparten un universo central, establecido en cuanto tal, y diferentes universos parciales que coexisten en un estado de acomodación mutua. Estos últimos tienen probablemente algunas funciones ideológicas, pero los conflictos abiertos entre las ideologías han sido reemplazados por grados variables de tolerancia o aun de cooperación[44].

A sociedade, portanto, não é um sistema perfeito e fechado em si mesmo: podem ocorrer conflitos dentro da própria sociedade, em formas de 'heresias' à ordem simbólica previamente instituída. Também pode haver conflitos externos, no momento em que culturas

---

[40] Nesse aspecto é possível citar a questão jurídica do reconhecimento de novas constituições familiares, não apenas oriundas do casamento homoafetivo, mas também de novas dinâmicas de relacionamentos, como o poliamor.

[41] É importante recordar que boa parte do ordenamento jurídico brasileiro opera por meio da dicotomia homem/mulher. Isso se evidencia, por exemplo, em regras no direito do trabalho, que possui algumas diretrizes que regulamentam de forma distinta o trabalho da mulher e do homem (exemplo do trabalho com carga). Também é possível mencionar o tempo de trabalho para aposentadoria, que variam conforme o gênero.

[42] (Berger; Luckmann, 1996).

[43] La situación pluralista presupone una sociedad urbana con una división del trabajo altamente desarrollada, una alta diferenciación concomitante en la estructura social y un gran superávit económico. (Berger; Luckmann, 1996, p. 141).

[44] (Berger; Luckmann, 1996, p. 141).

estrangeiras colidem com seus universos simbólicos distintos[45] – o que, cotidianamente, ocorre em razão da globalização, dos fluxos migratórios e da popularização das redes sociais da internet.

As ondas de conservadorismo(s) e fundamentalismos nas sociedades contemporâneas podem ser interpretadas, nessa senda, como fenômenos reacionários que materializam a resistência do universo simbólico diante dos conflitos que põem em risco a manutenção de seu monopólio sobre os significados e, consequentemente, sobre a organização da vida social[46]. Berger e Luckmann apontam dois mecanismos principais que são utilizados para a manutenção do universo simbólico tradicional: a terapia e a aniquilação. A terapia pressupõe a aplicação de mecanismos conceituais para garantir que os desviados permaneçam dentro da realidade institucionalizada (utilizada nos conflitos internos à sociedade). Por outro lado, a aniquilação utiliza mecanismos conceituais para liquidar simbolicamente tudo o que está fora do universo oficial. Trata-se de uma aniquilação conceitual do conhecimento estrangeiro, que pode ocorrer a partir da taxatividade de um *status* menos desenvolvido (primitivo), violento (bárbaro) ou até menos de sub-humanidade[47].

Na atualidade, é possível vislumbrar a operacionalização desses mecanismos. A terapia se verifica, por exemplo, na medida em que emergem discursos fundamentalistas, especialmente sob o manto do universo simbólico da Teologia, reforçando os papéis sociais entre homens e mulheres, e a subserviência das mulheres para com os homens. Um exemplo ainda mais extremo é a emergência de supostos procedimentos terapêuticos voltados à reorientação sexual de pessoas homossexuais — a chamada *cura gay*. Pode-se argumentar, ainda, que o Direito — em especial o ramo penal — opera como um aparato terapêutico de preservação do universo simbólico, na medida em que categoriza o crime como um desvio da norma e utiliza o sistema penitenciário como instrumento de ressocialização para reconduzir o indivíduo à realidade oficial.

Ainda, a aniquilação pode ser vislumbrada em diversos acontecimentos históricos que extinguiram o conhecimento (e as civilizações) de povos em todo o mundo, especialmente os povos originários das Américas e da África. Também pode ser vislumbrada a partir da marginalização do conhecimento produzido por culturas distintas, sob o estigma de *primitivo* ou de *pseudociência*. Os estudos decoloniais, nesse sentido, representam uma tentativa de

---

[45] (Berger; Luckmann, 1996).
[46] Essa interpretação se baseia também na citação dos autores: "(...) las fuerzas políticas conservadoras tienden a apoyar los reclamos monopolizadores de los expertos universales, cuyas organizaciones también monopolizadoras tienden a ser politicamente conservadoras." (Berger; Luckmann, 1996, p. 138 - 139).
[47] (Berger; Luckmann, 1996).

resgate de tais conhecimentos, e também de denúncia às violações que uma sociedade pode autorizar para manter o monopólio de ordens simbólicas que ela mesma produziu.

Importa destacar, que, para os autores, "Cuando una definición particular de la realidad llega a estar anexada a un interés de poder concreto, puede llamársela ideologia"[48]. Assim, torna-se impossível desvincular a resistência dos universos simbólicos dos interesses de determinados grupos sociais em manter imutável a estrutura da sociedade. Por essa razão, adotar uma postura crítico-reflexiva diante de arranjos naturalizados exige questionar: a quem interessa a preservação dessa ordem?

Os desafios do pluralismo diante da construção social da realidade se evidenciam nos conflitos sociais oriundos das tentativas reacionárias de manutenção de ordens sociais pré-estabelecidas e universos simbólicos que já não apresentam significações coerentes diante da atual complexidade das sociedades multiculturais. Isso porque a complexificação provoca a quebra do monopólio das definições oficiais do mundo, onde a realidade tradicional deixa de ser apreendida como a única existente e inevitável, transformando-se em uma opção entre várias alternativas concorrentes. Nesse embate de diferentes cosmovisões, Berger e Luckmann propõem uma reorganização da realidade social como um sistema dinâmico de negociação, no qual a estabilidade dos significados passa a depender do manejo constante de estruturas de plausibilidade e da tolerância institucionalizada:

> Importa recordar que la mayoría de las sociedades modernas son pluralistas, sentido éste que comparten un universo central, establecido en cuanto tal, y diferentes universos parciales que coexisten en un estado de acomodación mutua. Estos últimos tienen probablemente algunas funciones ideológicas, pero los conflictos abiertos entre las ideologías han sido reemplazados por grados variables de tolerancia o aun de cooperación[49].

Um exemplo que configura esse sistema de negociação constante entre universos/subuniversos simbólicos é o *transconstitucionalismo*. No constitucionalismo contemporâneo, o monopólio estatal absoluto sobre o subuniverso jurídico entra em declínio, pois o direito de um Estado nacional não consegue mais resolver isoladamente problemas constitucionais transversais (especialmente questões relacionadas à concretização dos direitos humanos em perspectiva multicultural). O transconstitucionalismo, nesse vértice, representa um sistema de cooperação entre subuniversos normativos (comunitários, nacionais, internacionais e transnacionais) que reivindicam simultaneamente autoridade sobre as mesmas

[48] (Berger; Luckmann, 1996, p. 139).
[49] (Berger; Luckmann, 1996, p. 141).

questões sem que haja pretensão do monopólio de uma cosmovisão sobre outra. E é justamente nesse sistema de cooperação que se criam caminhos comuns para a solução de conflitos, sem que a dignidade de uma cultura seja negativamente afetada.

Por fim, no contexto das discussões sobre os desafios do pluralismo na construção social da realidade, é importante relacionar a obra de Berger e Luckmann com a Teoria da Estruturação do sociólogo Anthony Giddens. Em *A Constituição da Sociedade*, Giddens[50] também propõe a superação da dualidade objetivismo e subjetivismo para compreender a estrutura social. Se, por um lado, Berger e Luckmann propõem a observação da vida cotidiana a partir dos processos de objetivação e subjetivação do conhecimento social, Anthony Giddens teoriza que o estudo da sociologia deve se concentrar na observação das práticas sociais ordenadas no tempo e no espaço, continuamente reproduzidas pelos agentes[51]. Para o autor, a estrutura social se reproduz em um constante processo de retroalimentação[52]: ao mesmo tempo em que o agente reproduz o conhecimento que o universo simbólico o oferece, possui também potencial autorreflexivo (consciência prática e discursiva) capaz de promover ressignificações e alterações no próprio universo simbólico (dualidade da estrutura).

Não se deve, portanto, esquecer que "Las instituciones y los universos simbólicos se legitiman por medio de individuos vivientes, que tienen ubicación e intereses sociales concretos. La historia de las teorías legitimadoras siempre forma parte de la historia de la sociedad como un todo"[53]. Assim, ressalta-se que o contexto social da existência humana não se estrutura a partir de determinações absolutas nem de ordens naturalizadas. A sociedade se constitui em um processo dialético constante entre suas dimensões objetiva e subjetiva, mediado pela contínua exteriorização e internalização de universos simbólicos, com suas inevitáveis disputas, negociações e ressignificações.

---

[50] GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

[51] "Se as sociologias interpretativas se assentam, por assim dizer, num imperialismo do sujeito, o funcionalismo e o estruturalismo, por seu lado, propõem um imperialismo do objeto social. Uma de minhas principais ambições na formulação da teoria da estruturação e por um fim a cada um desses esforços de estabelecimento de impérios. O domínio básico de estudo das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiencia do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo". (Giddens, 2003, p. 43).

[52] "E o que dizer da natureza da agencia? Isto pode ser ligado com uma nova questão. A *durée* da vida cotidiana ocorre como um fluxo de ação intencional. Entretanto, os atos tem consequências impremeditadas; e, como foi indicado na Figura I, estas podem sistematicamente realimentar-se para constituírem as condições não reconhecidas de novos atos. Assim, uma das consequências normais de eu falar ou escrever de um modo correto em inglês é contribuir para a reprodução da língua inglesa como um todo. O fato de eu falar Inglês corretamente e intencional; a contribuição que dou para a reprodução da língua não é." (Giddens, 2003, p. 9).

[53] (Berger; Luckmann, 1996, p. 144).

Consequentemente, da mesma forma que a humanidade é capaz de edificar estruturas simbólicas estáveis para orientar o convívio social, possui também o poder de as transformar. Trata-se de reconhecer o ser humano não apenas como agente ativo na reconfiguração de sua realidade, mas também como um sujeito eticamente responsável pelos efeitos e desdobramentos de suas próprias ações. Portanto, diante da complexidade do mundo contemporâneo, o maior compromisso do pluralismo é reafirmar que a vida em sociedade não repousa sobre verdades imutáveis, mas sim sobre construções simbólicas que os próprios sujeitos têm o poder — e a responsabilidade — de reinterpretar, redefinir e reinventar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, percebe-se que a contribuição teórica de Peter Berger e Thomas Luckmann reside na superação da dicotomia entre a facticidade objetiva dos fatos sociais (Durkheim) e a centralidade dos significados subjetivos da ação social (Weber), problemas clássicos da sociologia. Ao demonstrar que a sociedade é simultaneamente uma realidade objetiva e um conjunto de significados subjetivos, os autores consolidam uma compreensão da realidade como uma construção social observável a partir do conhecimento sobre a vida cotidiana - a realidade por excelência.

A dinâmica do processo de construção social da realidade se expressa pela tríade dialética: externalização, objetivação e internalização. O ser humano projeta seus significados no mundo (externalização), os quais se consolidam em instituições e universos simbólicos dotados de autonomia e autoridade (objetivação). Por sua vez, esse mundo objetivado é assimilado pelos indivíduos mediante a socialização primária e secundária (internalização), moldando suas identidades. A estabilidade institucional e a legitimidade dos papéis sociais dependem, portanto, da manutenção desses universos simbólicos.

É no contexto de manutenção dos universos simbólicos que o pluralismo emerge como um desafio não a ser enfrentado pela dinâmica social, mas sim para ser incorporado na sua teorização. As sociedades modernas caracterizam-se pela complexidade e pluralismo, o que ocasiona a desconstituição do monopólio de um único universo simbólico sobre as definições oficiais da realidade. Diante dessa fragilização, surgem resistências institucionais e reações conservadoras ou fundamentalistas. Nesses contextos de disputa de poder e ideologia, entram em operação mecanismos conceituais de preservação da ordem, tais como a terapia (normalização dos desvios) e a aniquilação (marginalização ou negação conceitual do conhecimento do *Outro*).

É importante destacar, nesse sentido, que a realidade social não é um sistema estático ou determinista, mas um *devir* contínuo. O agente social possui capacidade autorreflexiva para questionar, ressignificar e transformar as estruturas que o moldam. Em um cenário pluralista, a estabilidade passa a exigir sistemas dinâmicos de cooperação e negociação mútua entre subuniversos normativos - exemplificados pelo transconstitucionalismo, que busca solucionar conflitos transversais sem a imposição de um monopólio cultural ou jurídico absoluto. Isso se evidencia ao articular o pensamento de Berger e Luckmann à Teoria da Estruturação de Anthony Giddens.

Nessa senda, compreende-se que as instituições e os universos simbólicos não repousam sobre leis naturais, mas são construções humanas legitimadas por indivíduos concretos inseridos em contextos sociais específicos. Reconhecer o caráter construído da realidade social implica atribuir ao sujeito e à coletividade não apenas o poder de reconfigurar seu mundo, mas também a responsabilidade ética sobre suas escolhas.

Berger e Luckmann reconhecem que a justificação teórica da coexistência de subuniversos simbólicos em uma relação de cooperação é um dos grandes desafios da sociologia. Nesta pesquisa, defende-se que essa justificação só é possível em uma dimensão ética: diante das complexidades contemporâneas, reforça-se o compromisso ético de desconstruir dogmatismos que encarceram individualidades e promovem sofrimento às pessoas, a partir da discriminação e da violência institucional ou simbólica. É a partir de um compromisso ético que se torna possível uma recepção *hospitaleira* da diversidade e dos subuniversos simbólicos, em uma rede de cooperação que não se baseia em monopólios, mas sim no interesse partilhado em promover uma cultura de diálogo, paz e respeito à alteridade.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Construcción social de la realidad**. Traducció Silvia Zuleta. Editor digital: Titivillud. 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. Revisão da tradução de Eduardo Brandão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Revisão técnica de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2015. v. 1.